

Relatório da sessão de trabalho "Missão Oceano" Terça-feira, 12 de setembro de 2023 – Online

Nicolas Fernandez Munoz, presidente do grupo de trabalho, iniciou a reunião agradecendo a participação dos membros e o interesse que José Luís Moutinho (Coordenador da Missão Oceano, Atlântico e Ártico) concede ao CC Sul. De facto, não satisfeito com a sua apresentação no âmbito do grupo de trabalho sobre pesca tradicional de maio de 2023, José Luís Moutinho contactou o secretariado do CC Sul para poder especificar novamente os objetivos da Missão Oceano e convencer os membros da sua importância e da necessidade de participar na mesma. No entanto, Nicolas Fernandez Munoz não ocultou as dúvidas dos membros do grupo relativamente a este ponto.

1. Apresentação

José Luís Moutinho (Coordenador da Missão Oceano, Atlântico e Ártico) confirmou que, de facto, a sua participação no GT de maio de 2023, lhe permitiu melhorar o seu discurso perante os profissionais, sendo que, estando pouco habituado a este tipo de reunião, a sua apresentação anterior não se adaptou ao público. O seu objetivo consiste em apoiar o trabalho dos membros do CC Sul e encontrar as vias de comunicação para o fazer.

Os objetivos da Missão Oceano e da sua vertente "Atlântico e Ártico" são compatíveis com os do CC Sul: a redução dos impactos antropogénicos, a manutenção da exploração dos recursos haliêuticos e a melhoria dos conhecimentos são alguns exemplos.

José Luís Moutinho deseja compreender as dificuldades encontradas pelo setor, nomeadamente tendo em conta a sua importância para a segurança alimentar no mundo (apresentação de dados FAO), é necessário melhorar a cadeia entre produção e comercialização para evitar as perdas e aumentar a transparência, e assim tornar acessíveis o máximo possível de proteínas animais do mar, tendo em conta a redução das emissões de gases com efeito de estufa.

Para tal, é necessário proteger e restaurar os ecossistemas, limitar e eliminar a poluição e desenvolver uma economia azul e neutra em carbono, sendo necessário encontrar soluções inovadoras, é este o objetivo da missão oceano.

A missão irá desenrolar-se em duas fases: de 2021 a 2025, identificação e validação de projetos, e de 2026 a 2030, realização de projetos e extrapolação de resultados.

Tudo graças a um sistema de conhecimento das águas e dos oceanos, que recolhe dados, e a uma mobilização do público e dos intervenientes.

A vertente "Atlântico e Ártico" irá concentrar-se na restauração e na resiliência das zonas costeiras. O objetivo não é estudar a implementação de novos regulamentos, mas sim aplicar os existentes, colaborar e promover a progressão do setor da pesca.

A missão pretende desenvolver ferramentas e novas formas de colaborar, protegendo os interesses dos intervenientes.

Para tal, José Luís Moutinho, propõe:

- levar a cabo ações concretas para reduzir as pressões antropogénicas e restaurar os ecossistemas e as populações em declínio;
- partilhar o catálogo de projetos (500 projetos) e as soluções disponíveis;
- apoiar as inovações que correspondem aos objetivos da missão.

2. Interação

Para Hugo Gonzáles (ARVI), os objetivos anunciados são demasiado teóricos e não têm aplicação na realidade (exemplo dos objetivos de descarbonização sem soluções tecnológicas atualmente). O financiamento da colocação em prática deve ser considerado, não unicamente para projetos científicos. Depois, Hugo Gonzales revelou a falta de coerência entre a vontade de reduzir ao máximo (até à interdição) a pesca, e a soberania alimentar.

Santiago Folgar Gutierrez (AVOCANO) apoia este objetivo: a política de pesca europeia ataca os próprios interesses.

Gérald Hussenot (Blue Fish) complementou que efetivamente os objetivos revelam bom senso e que ninguém se opõe, mas como proceder à implementação, essa é a questão, sendo que tal ocorrerá a muito longo prazo: Gérald Hussenot, tal como Hugo Gonzales, sublinhou a importância do financiamento da transferência entre a pesquisa e a realidade no terreno. Por fim, Gérald Hussenot revelou o problema da qualidade das águas, que sofre o elevado impacto da poluição terrígena, o que implica grandes dificuldades nas zonas costeiras.

Nicolas Fernandez Munoz (OPP Conil) sublinhou a importância de considerar o impacto das outras atividades e das atividades fora da UE, tendo dado como exemplo a chegada de uma alga invasiva devastadora do ecossistema no Golfo de Cádiz. Na sua opinião, a União Europeia não oferece qualquer solução. Importa identificar os culpados, antes de poder restaurar os ecossistemas. Nicolas Fernandez Munoz propôs transmitir todas as informações disponíveis sobre o estreito de Gibraltar, para informar quanto a projetos piloto.

Aurelio Bilbao (OPESCAYA) indicou ter pouca confiança, sendo que as realidades são muito diferentes e os objetivos demasiado gerais. Um trabalho comum a esta escala implicaria muita confusão, pelo que, segundo Aurelio Bilbao, importa realizar uma reflexão por espaço, por barco.

José Moutinho afirmou que é possível acompanhar este tipo de reflexão e encontrar financiamentos para começar.

Santiago Folgar Gutierrez (AVOCANO) expressou dúvidas sobre esta possibilidade e o alcance de resultados num período de tempo razoável.

Maria José Rico (FECOPPAS) acrescentou que estes objetivos a longo prazo são partilhados e trabalhados há vários anos pelos profissionais, sendo que as populações do Atlântico demonstram isso mesmo. Atualmente, é necessário ser mais concreto, sendo que a pesca não deve ser a única variável de ajuste e este setor não está na origem de todos os males: centrar-se na pesca não permitirá que os objetivos sejam alcançados, por outro lado, a Europa já depende da importação de produto haliêutico, por isso, reduzir a pesca é duplamente contraproducente.

Em resposta aos membros, José Luís Moutinho, enumerou os elementos que se seguem:

- Importa encontrar um meio para trabalhar em conjunto, sendo que a ideia não é reduzir a pesca, mas a sobrepesca.
- A transição energética decorrerá ao longo de décadas, sendo necessário encontrar soluções adaptadas a cada contexto.
- Não culpabilizamos a pesca, pretendemos que estejam presentes, assim como obter fundos para renovar o setor e acelerar a transição.
- A pesca está no centro da apresentação, uma vez que se dirige ao CC Sul, mas é evidente que as outras atividades são visadas.
- Procuram-se também soluções concretas, tendo em conta as realidades locais, e para tal é preciso trabalhar em conjunto.

Para concluir a reunião, o presidente do GT sobre pescas tradicionais do CC Sul, Nicolas Fernandez Munoz, propôs que os membros transmitam através de correspondência do CC, as respetivas prioridades para projetos concretos, tendo em conta os fundos disponíveis, segundo José Luís Moutinho. O secretariado permanecerá em contacto com José Luís Moutinho e a Missão Oceano para manter o fluxo de informação.